

# SEBASTIÃO CHAMA PRA FESTA

*Carlos Eduardo Fialho*



*Festa de São Sebastião em Trancoso, Bahia.  
Foto de Andreia Capella*

**Resumo:** este artigo é o produto do estranhamento do olhar de alguém de fora sobre uma festa popular religiosa no sul da Bahia, mais precisamente a festa de São Sebastião de Trancoso. É um texto que trata da relação entre a fotografia e o objeto fotografado tendo o rito religioso como acontecimento a ser revelado. São Sebastião não é o santo festeiro, comemorado geralmente com os ritos cristãos do mártir, aquele que não é evocado por outras religiões passava na minha frente embalado pelo samba e pela batida da capoeira ao gosto dos ritos incrédulos da Bahia. Foram estas imagens inesperadas que me fizeram seguir uma procissão que no Rio de Janeiro é marcada pela dor e pela contrição. Tanto a festa de Trancoso quanto a do Rio de Janeiro são homenagens ao santo padroeiro, as duas tem a função de demonstrar o fervor dos fiéis e o empenho dos devotos. Em Trancoso a entrada no culto se dá através da euforia e expansão de valores culturais que se misturam no dia a dia. No Rio de Janeiro a festa pertence à Igreja oficial e seus participantes devem conhecer os códigos de conduta ditados pelo catolicismo. É esta especificidade cultural que a fotografia capturou e traduziu na revelação de um mesmo fato religioso.

**Abstract:** this article is the product of the weirdness of the glance of somebody of out on a religious popular party in the south of Bahia, more precisely the party of São Sebastião of Trancoso. It is a text that treats of the relationship between the picture and the photographed object tends the religious rite as event to be revealed. They are Sebastião is not the saint entertainer, usually commemorated with the Christian rites of the martyr, that that it is not evoked by other religions passed in front of me wrapped by the samba and for the beat of the capoeira to the taste of the rites skeptic of Bahia. They were these unexpected images that you/they made to follow me a procession that is marked by the pain in Rio de Janeiro and for the contrition. As much the party of Trancoso as for of Rio de Janeiro they are homages to the saint patron, the two have the function of demonstrating the followers' fervor and the pledge of the devotees. In Trancoso the entrance in the cult feels through the euphoria and expansion of cultural values that you/they are mixed in the day by day. In Rio de Janeiro the party belongs to the official Church and their participants should know the codes of conduct dictated by the Catholicism. It is this cultural specificity that the picture captured and he/she translated in the revelation of a same religious fact.

I

O susto: os fiéis surtaram

Este artigo é o produto de uma brincadeira. Não foi escrito a partir de pesquisas extensas, levantamentos exaustivos de bibliografias que delimitassem o campo teórico, entrevistas com técnicas de amostragem que reduzissem a possibilidade de erro a percentuais mínimos, etc. e tal. "Sebastião chama pra festa" surgiu do estranhamento do olhar de alguém de fora sobre uma festa popular religiosa no sul da Bahia, mais precisamente a festa de São Sebastião de Trancoso. Meu olhar era exterior a festa, ao local e a tudo exposto pelo fluxo regular da vida do lugar. Foi o inesperado que me fez despertar do sono letárgico sob o sol do verão baiano. Foi o sacolejo do andor do santo, ao ritmo do samba, acompanhado por um padre paramentado e capoeiras que me chamou a atenção num final de tarde de janeiro na entrada do quadrado de

Trancoso. Não é um texto que trata da sociologia da religião, mas da relação entre a fotografia e o objeto fotografado tendo o rito religioso como acontecimento a ser revelado.

Vamos nos aproximar um pouco do objeto de estudo para justificar meu espanto com o andor e o santo sambando. Em primeiro lugar S. Sebastião não era propriamente um santo festeiro, em toda sua vida não se tem notícias de sua vocação para a música e para a dança. Sebastião era um guerreiro, um soldado profissional, defensor da Igreja no tempo que os cristãos eram perseguidos pelo imperador Diocleciano. Imaginar um guerreiro nascido na Narbonna, em 250 d.c (viveu apenas 38 anos), cristão e comandante do exército pretoriano - na época em que o império romano empreendera uma das reformas mais importantes de sua história - atravessando o quadrado de Trancoso aos pulos sobre o andor, no ritmo do samba, não podia deixar de chamar minha atenção. Entendi, assim que vi o santo, que o espanto era maior por se tratar de um personagem que não nos

convida para a festa. São Sebastião é obcecado na sua fé religiosa, escapa da morte uma primeira vez, flechado pelos arqueiros de Diocleciano e abandonado numa árvore (representado desta forma pela idolatria católica), so-



Festa de São Sebastião em Trancoso, Bahia.  
Foto de Andréia Capella

breviveu e foi acertar as contas com imperador. Da segunda vez não houve erro, Cayo Valério Aurélio Diocleciano – que já era imperador quando São Sebastião nasceu e continuou sendo até meio século depois de sua morte – mandou que o chicoteassem até que não restassem mais dúvidas de que já estava morto. Por suas características São Sebastião não é um santo que evoque festas. Escapou por milagre da morte e voltou para o seu algoz.

Talvez São Jorge, se passasse aos saltos sobre o andor, montado no cavalo branco e curiosamente vestindo as cores e os símbolos das cruzadas (que só iriam acontecer aproximadamente 700 anos depois de sua morte), não fosse tão estranho. Certamente São Jorge chama pra festa, é mais popular, frequênta outras religiões e tem traços mais curiosos na sua história de guerreiro. Sebastião não pretendia converter grandes figuras ao cristianismo. São Jorge converteu nada menos que Alessandra, esposa de Diocleciano (o mesmo que havia mandado matar São Sebastião). Foi degolado por isso. Ao que parece Diocleciano tinha dificuldades em escolher seus comandantes. São Jorge, assim como São Sebastião, era oficial do exército do imperador e, por mérito, já tinha recebido o título de conde quando foi executado. Conhecendo um pouco da história dos dois santos, penso que São Jorge nos convida pra festa, São Sebastião nos convida ao martírio. Um foi descoberto como cristão e flechado até supostamente ter morrido, o outro converteu nada menos que a esposa do imperador que perseguia os cristãos. Soa como um gesto de fé e de ironia. Um retorna à presença de seu algoz e é executado a chicotadas, o outro mata o dragão de Silene salvando a vida da filha daquele que ordenará sua de-

capitação. Um convida ao martírio, o outro, talvez, nos convida à festa.

Foi o que de fato me espantou: em Trancoso São Sebastião chama pra festa. Aquele que não é o santo festeiro, comemorado geralmente com os ritos cristãos do mártir, aquele que não é evocado por outras religiões, aquele que não converteu a mulher do imperador romano, passava na minha frente embalado pelo samba e pela batida da capoeira, sacolejava no andor com a ginga e a malemolência dos ritos religiosos sincréticos da Bahia. Foram estas imagens inesperadas que me fizeram, num fim de tarde, seguir uma procissão que no Rio de Janeiro, durante décadas, nunca despertou meu interesse. A



*Procissão de São Sebastião no RJ  
Foto de Carlos Eduardo Fialho*

festa e a procissão de São Sebastião, padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, é comemorada com a presença do cardeal, festejada com missa solene rezada pelo primeiro escalão da igreja católica, acompanhada por padres, seminaristas, freiras, noviças e uma legião de fiéis que entoam cânticos religiosos e orações durante horas, percorrendo bairros na zona norte, centro e zona sul do Rio de Janeiro. Terminam o dia na Praça do Russel, expressando veneração e fé pelo santo guerreiro representado no centro da praça por uma estátua monumental, cercada de degraus e grades, tal como foi deixado pelos apressados arqueiros da Maurítânia. Jamais poderia imaginar que, em Trancoso, este mesmo santo surgisse na minha frente, misturado à multidão, apenas um pouco acima da cabeça dos mortais e caminhasse alegre (apesar de flechado) para a igrejinha centenária do Quadrado, onde iria assistir a missa em sua homenagem e participar de uma festa com muita música, comida e bebida – que mobilizava a cidade dos turistas e das pessoas do lugar – e duraria um dia e uma noite inteira. Eu precisava entender que santo era aquele, se era o mesmo das procissões em passos lentos, com estandartes e fitas ornando os fiéis, ou se aquela forma de apropriação do ritual eliminava a fé e os símbolos do ritual católico ou apenas os adequava incorporando uma simbologia complementar que permitia criar vínculos e identidade com a cultura local.

## II

### Revelações: das fotos

Como já disse, este artigo não é o produto de uma pesquisa de campo, com amostragem e entrevistas. É produto de um momento de espanto e como tal precisava ser percebido num “instante”, com a mesma rapidez que o fato produzia em mim a sensação de um fenômeno

incompreendido. Quero dizer que naquele momento não adiantava fazer anotações num bloco, traçar esquemas representativos da disposição dos personagens na procissão, anotar todos os símbolos que desfilavam na minha frente e depois estabelecer a correlação entre eles ou fazer algumas perguntas as pessoas que cantavam e rezavam. Alguma coisa me dizia que era preciso fotografar, tirar quantas fotografias conseguisse, sob o impacto da plasticidade das pessoas que num momento cantavam sambas e ritmos de capoeira e num outro rezavam ou cantavam hinos religiosos. Quando cantavam o samba dançavam sob o ritmo da música acompanhado por cavaquinho, repinique, maraca, etc; quando cantavam hinos religiosos ou rezavam os instrumentos se calavam, a dança parava e todos caminhavam de cabeça baixa. E assim seguia a procissão, alternando entre a música popular e a oração. A fotografia era o instrumento capaz de capturar o que não era imediatamente perceptível e, quem sabe, com sorte e técnica se transformaria numa linguagem capaz de narrar o acontecimento. Foi o que procurei fazer.

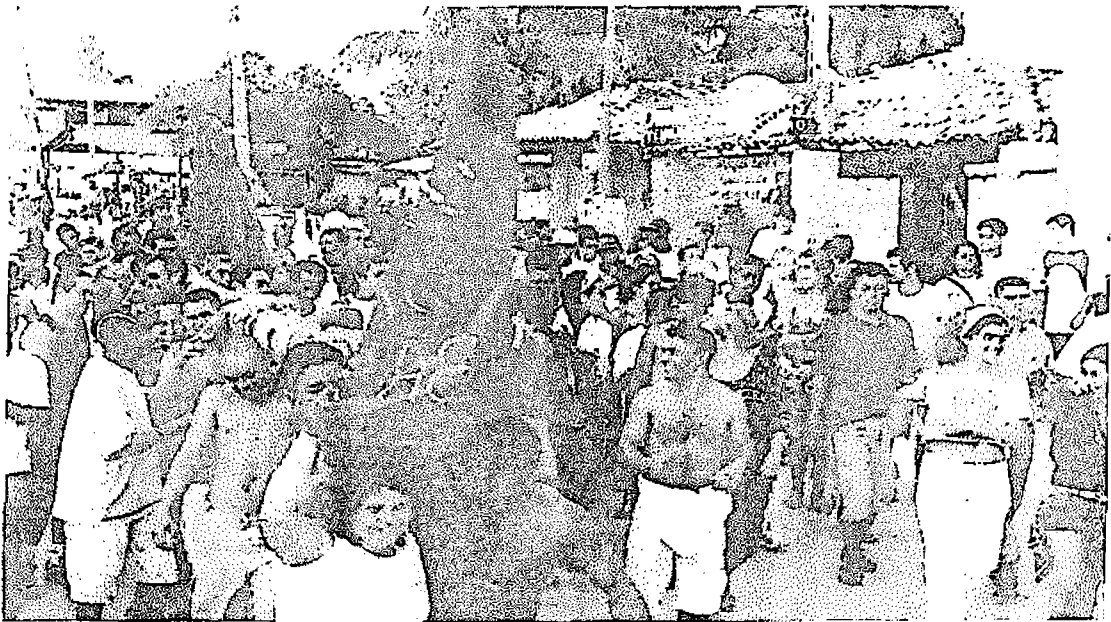
Utilizar a fotografia como veículo pareceu a forma adequada de revelação dos símbolos da festa e do ritual, captando expressões e o gestual dos participantes; revelar os lugares ocupados pelos símbolos, como o mastro de São Sebastião, os instrumentos musicais que acompanham a procissão (quase todos ligados ao samba e a capoeira) e o lugar ocupado na festa pelos ícones religiosos de significado mais direto, como o andor, o santo e as imagens retratando outros santos e a religiosidade católica. Desta forma, a fotografia me pareceu a ferramenta mais adequada para capturar este instante a partir de um duplo movimento: a percepção do fotógrafo frente ao objeto criando um recorte de uma realidade previamente escolhida (afinal as fotos seriam

temáticas) e sua reinserção no universo do espectador, quando a foto assume uma nova dimensão e significado.

Nesta hora recorro a Barthes e Baudrillard para me informar sobre as possibilidades da fotografia como linguagem e, naturalmente, conhecer o alcance prático/teórico da minha escolha. Como acontece a passagem do objeto fotografado para o universo simbólico do público receptor? Aquilo que pretendo revelar contém – nas escolhas e nos recortes realizados – a possibilidade de se transformar em alguma coisa dinamicamente percebida (contextualizada e entendida) quando o fato e a foto são submetidas ao observador?

Para Barthes a fotografia deve ser entendida como um veículo manipulador de sistemas<sup>2</sup>. Para Baudrillard a experiência fotográfica só é possível a partir de uma referência fisicamente externa ao fotógrafo que, quando enquadrada e trans-

a fotografia reúne uma certa quantidade de sistemas previamente existentes, próprios do campo fotográfico, como a cor, a forma, e outros não diretamente relacionados a técnica fotográfica. A reunião destes sistemas permite que a fotografia nos remeta a tempos e ambientes diferenciados quando observamos o que é fotografado. Ela permite que possamos reunir as referências culturais, políticas – com as quais lidamos e a elas nos referimos no dia a dia – com o que existe de especial neste quadro referencial amplo, ou seja, aquilo que de fato nos toca quando nos vemos frente a um objeto que é especialmente de nosso interesse. O ambiente mais amplo no qual o homem está inserido Barthes chama de “studium”, é tudo aquilo que permite estabelecer referências entre o que é mostrado na fotografia e aquele que a observa sem apresentar, no entanto, um elemento que nos salte aos olhos. Este elemento especial, que gera no



*Procissão de São Sebastião em Trancoso, BA*

*Foto de Andreia Capella*

formada em foto, se torna carregada de dramaticidade e sentido devido ao silêncio e a imobilidade que lhe são inerentes.<sup>3</sup> Como funciona isto?

Primeiramente é preciso dizer que

observador um impulso de sensações e percepções que se destaca do conjunto fotografado, ou seja, que permita à foto nos falar mais de perto, que não reflete apenas o quadro contextual, Barthes cha-

mará de “punctum”. É alguma coisa que se lança em evidência na fotografia, que nos toca de forma especial, permitindo uma percepção para além do ambiente fotografado. O “punctum” sensibiliza o observador de uma forma especial, permitindo que perceba o discurso fotográfico e o significado do fato demonstrado através de um movimento de percepção que não passa pelo controle da razão e do discernimento sobre os elementos que compõe a foto. A fotografia teria, então, “significados evidentes, aparentes e latentes, perceptíveis após um primeiro olhar, que lhe conferem uma comunicação instantânea, capaz de dispensar mediações”.<sup>4</sup>

No trabalho fotográfico da procissão de São Sebastião em Trancoso buscamos revelar um conjunto de detalhes dos personagens e dos objetos que explicitasse a religiosidade por trás da festa profana; expressões que no meio da batucada e da dança demonstrassem o sentido corriqueiro dado pelos fiéis de adoração de um santo mártir. Mesmo que a festa de Trancoso se organize sobre elementos aparentemente distantes do rito católico, o registro fotográfico da procissão e da folia nos permitiria identificar parte de seu significado no imaginário popular. Naquele momento, a câmara deveria capturar, tornar imóvel e deixar em evidência uma mistura dos dois universos dos fiéis: em meio aos gritos de carnaval e a alegria do ritmo surgiam rostos de devoção à imagem do santo que acompanhava a festa. É neste instante que reunimos duas referências de práticas culturais, criando a condição de compreensão da mensagem que Barthes denominou de ‘studium’. As fotos da festa de São Sebastião em Trancoso não deveria se confundir com qualquer outra foto de carnaval na Bahia porque naquele momento procurávamos registrar coisas que seriam recortadas da realidade segundo um conjunto de valores simbólicos que se faziam presentes num rito religioso, de forma im-

plicita e explícita, tanto no universo do fotógrafo quanto do fato registrado, conferindo um aspecto de dualidade ao meio/fotografia e ao objeto fotografado.

Da mesma forma que para perceber esse conjunto de manifestações explícitas e implícitas o fotógrafo faz convergir sobre o objeto enquadrado os padrões culturais, as crenças e os valores de quem fotografa, quando a fotografia é observada, não é ela que vemos, “mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos. Uma das condições de leitura da imagem seria conhecer, compreender ou ter vivido a situação ou as condições fotografadas, verificando-se que a análise detalhada do conteúdo elimina sua configuração global, que precisa ser recomposta. Além disso, não olhamos apenas para uma foto, sempre olhamos para a relação entre nós e ela”.<sup>5</sup>

São estes dois ambientes culturais religiosos que são revelados nas festas de São Sebastião de Trancoso/BA e Rio de Janeiro /RJ. Retratando as procissões nas duas cidades também revelamos os locais onde a cultura religiosa demonstra formas diferentes de compreensão do rito católico. O santo é o mesmo – São Sebastião -, a festa é a mesma (procissão com a andor e os ícones do catolicismo) mas a cultura que a produz se diferencia em vários aspectos.

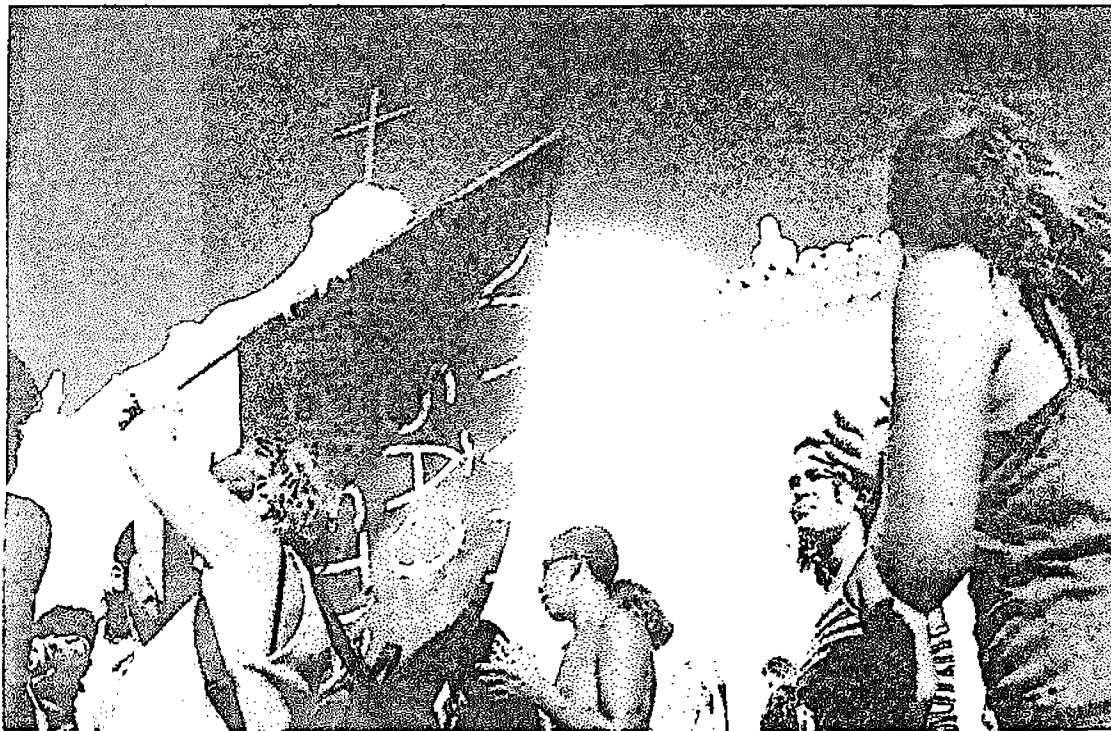
### III

#### Revelações: da festa

Qualquer texto que se proponha explicar o significado que tem a religião para os homens nos diz que ela nasceu das necessidades humanas de alcançar certos objetivos, principalmente de compreensão do sentido do mundo e da vida e da nossa incapacidade de satisfazer plenamente tais necessidades. A religião tanto pode ser uma ferramenta de compre-

ensão do mundo como uma ferramenta de representação deste mesmo mundo, uma representação que pode ou não se distanciar de uma determinada realidade. Quando observamos os festejos de São Sebastião em Trancoso/BA e no Rio de

de um certo detalhamento para que possamos entender melhor os resultados. Nas duas procissões, de Trancoso e do Rio de Janeiro, procuramos fazer fotos que revelassem o movimento das pessoas e a forma de organização do grupo. Com isso,



*Procissão de São Sebastião, Trancoso, BA.  
Foto de Andreia Capella*

Janeiro/RJ percebemos que o significado da religião e a introjeção do rito religioso assumem significados diferentes e tocam as pessoas de maneira diversa. A escolha de um mesmo santo e um mesmo rito de celebração deste santo em ambientes culturais diferenciados permitiu que esta comparação fosse feita, no campo da sociologia cultural. O tratamento fotográfico dado aos dois eventos nos permitiu perceber a precisão do veículo/linguagem fotografia como ferramenta capaz de capturar o que havia de específico na diversidade das manifestações culturais religiosas.

O objeto religioso fotografado já foi suficientemente apresentado na introdução deste trabalho. O tratamento fotográfico dado aos dois eventos precisa

as expressões faciais, os gestos individuais e os personagens isolados passaram a ser enfocados apenas quando serviam como referência para o que era revelado pelo movimento do grupo. A primeira coisa que notamos nesta forma de enquadramento é que as duas procissões se diferenciavam quanto a organização das pessoas que participavam do ritual e daquelas que estavam à margem.

Em Trancoso não há diferenciação de funções em nenhum momento: na festa e enquanto o préstito se desloca. Os participantes se deslocam e circulam por todos os lugares, até mesmo o padre que anda de um lado para o outro, tentando alternar a música popular com os cânticos religiosos. Esta participação geral, na forma e no espírito, do povo local e de alguns tu-

ristas nas festas de São Sebastião, não é do agrado do pároco mas ele pouco pode fazer. Na verdade o vigário divide com as pessoas ligadas aos grupos de capoeira a organização da procissão. Os líderes da capoeira cantam as músicas profanas nas brechas encontradas entre as orações e os hinos religiosos e, quando estes se impõe, é a vez do padre de cavar seu espaço para retornar à celebração católica.

Outro aspecto importante focado na festa de Trancoso diz respeito ao gestual do participantes. Quando enquadrados o grupo exaltando o santo padroeiro as mãos estão geralmente lançadas para o alto com os braços abertos indicando um movimento cadenciado e a expressão facial complementa a cena demonstrado invariavelmente alegria. As expressões e os gestos de contrição são raros e logo se perdem no meio da folia, num convite a alegria e a festa. Os homens estão sem camisa, as mulheres de vestidos e saias curtas, e todos suados e eufóricos. O Santo aparece no início da procissão e acompanha os movimentos da multidão: quando o hino é religioso e é o momento da oração, o andor caminha a passos cadenciados e pouco oscila logo acima da cabeça dos fiéis. Quando a oração cede lugar à música profana, o silêncio dos tambores é substituído pela cadência do samba e o toque do cavaquinho, o andor, quando observado de longe, ginga no mesmo ritmo dos populares. Essa festa adentra a noite com um banquete popular preparado pelas pessoas da cidade: alguns trabalhadores das pousadas (camareiras, arrumadeiras), por exemplo, deixam de ir ao trabalho para se dedicar aos preparativos da refeição aberta ao público e da festa. É uma homenagem que nasce da vontade popular em parceria com a paróquia local.

Na procissão de São Sebastião do Rio de Janeiro notamos outra organização das pessoas no espaço. Uma pequena parte do cortejo é dedicado aos populares, geralmente fiéis isolados que formam a massa de acompanhantes pela soma de suas penitências solitárias. Não há a catarse, apenas a contrição daqueles que estão fechados em suas orações e nos seus motivos mais íntimos. A multidão parece que foi organizada pelos religiosos que ocupam o cortejo: o primeiro grupo da procissão é formado por pessoas carregando estandartes representando congregações religiosas, desfilam ban-

deiras azuis, bandeiras vermelhas, bandeiras com as cores de Portugal, figuras vestidas de preto e branco e outro grupo em vermelho e preto; depois das bandeiras vem os sacerdotes e representantes do alto clero da Igreja católica e, por último, o andor de São Sebastião que, ocupando o lugar que a organização lhe destina, se encontra distante do público. As roupas são sóbrias (assisti a um padre barrando um escoteiro na procissão porque estava de bermuda e meias  $\frac{3}{4}$ , e não de calça comprida) e as expressões faciais demonstram contrição e súplica (não captamos na multidão que saía da catedral e se juntava à procissão qualquer expressão de alegria ou um sorriso no rosto quando participavam da marcha). As músicas tocadas nos carros de som eram da Rádio Catedral e com tema religioso, os discursos se assemelhavam a sermões acompanhados de uma ordem de "viva São Sebastião" a que o público respondia com austeros aplausos. As mãos e os braços estão, geralmente cruzados no peito e quando abertos são elevados ao céu num gesto de súplica. A festa de São Sebastião do Rio de Janeiro é basicamente preparada pela paróquia local do São Sebastião e pela cúria metropolitana, o público se engaja aos festejos na forma de fiéis sujeitos às normas do ritual católico permitido pela diocese. É uma festa religiosa com a participação de alguns populares.

Tanto a festa de Trancoso quanto a do Rio de Janeiro são homenagens ao santo padroeiro, as duas tem a função de demonstrar o fervor dos fiéis e o empenho dos devotos, ao menos no dia do santo padroeiro das duas cidades. Mas nossas fotografias nos mostram que se trata de dois universos religiosos distintos, mas não menos dedicados ao culto a São Sebastião. Em Trancoso a entrada no culto se dá através da euforia e expansão de valores culturais que se misturam no dia a dia, nos outros eventos do ano, e abrange uma população religiosa que participa de outros segmentos de manifestações culturais que exige paixão e empenho da mesma forma que o amor pelo santo padroeiro. No Rio de Janeiro a festa pertence à Igreja oficial e seus participantes devem conhecer os códigos de conduta ditados pelo catolicismo: ninguém deve estar sem camisa ou de roupas sumárias, as camisetas retratam corações em chama, ou rostos de Cristo em chagas e São





*Procissão de São Sebastião no Rio de Janeiro.  
Foto de Carlos Eduardo Fialho*

Sebastião flechado. As expressões e o gestual do grupo nos induz à culpa, a súplica do perdão e o fervor resignado. Trata-se do mesmo santo e do mesmo ritual de homenagem, com manifestações ajustadas às culturas de grupos locais. É esta especificidade cultural que a fotografia captou e traduziu na revelação de um mesmo fato religioso. O resultado foi alcançado

#### REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa, Ed. 70, 1980.

BAUDRILLARD, Jean. *A Arte da Desaparição*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família*. São Paulo: Edusp.

LIMA, Luis Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MACHADO, A. *A Ilusão Espetacular*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SONTAG, S. *Ensaio Sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

#### NOTAS:

<sup>1</sup> Carlos Eduardo Fialho: Professor do Depto de Sociologia e metodologia das Ciências Sociais da UFF; chefe do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais da UFF; doutorando em comunicação pela ECO/UFRJ

<sup>2</sup> Barthes, Roland. *A imagem fotográfica* in Teoria da cultura de massa, Luis Costa Lima. RJ, Paz e Terra, 1982.

<sup>3</sup> Baudrillard, Jean. *A arte da desapareição*. RJ, Ed. UFRJ, 1997.

<sup>4</sup> Leite, Miriam Moreira. *Retratos de Família*. SP, Edusp.

<sup>5</sup> Leite, Miriam Moreira. *A fotografia e as ciências humanas*. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. BIBI-ANPOCS, Rio de Janeiro, 25, 1º de setembro 1988.